

MARK HADDON

O GOLFINHO

Tradução de Francisco Agarez

Para Suzanne Dean e Simon Stephens

*Eu não sabia que o preço
de entrada numa canção – era perder
o caminho de saída*

«Threshold», Ocean Vuong

*Sua filha, que era incomparável
De beleza, ainda vivia com ele.
Mas quando um homem tem riqueza em abundância,
A carne é fraca e cede muitas vezes,
E isso esta donzela, terna e amável,
Que vivia nos aposentos do seu pai,
Depressa soube e experimentou:
Porque por desejo e concupiscência
Sem intervenção da consciência
O pai, tão cego de luxúria,
Concentrou todos seus desígnios
Na violação da sua própria filha.*

Confessio Amantis, John Gower

«O golfinho, como ele saltava e dava cambalhotas.»

Péricles, Príncipe de Tiro, William Shakespeare

ÍNDICE

O Voo.....	11
A Criança.....	23
O <i>Golfinho</i>	69
A Família.....	121
A <i>Serpente</i>	179
A Caçada.....	215
A Tempestade.....	277
Nota do autor.....	283
Fontes.....	287
Agradecimentos.....	291

O VOO

Maja está grávida de trinta e sete semanas. Não seria admitida num voo comercial, mas estão em casa de amigos que são donos de uma vinha em Bellevue Champillon e um dos outros convidados, Viktor, tem um *Piper PA-28 Warrior* em que tenciona voar de regresso a Popham na manhã seguinte. Tem o *Land Rover* à sua espera no aeródromo e deixá-la na casa de Winchester a caminho da costa sul será a coisa mais simples do mundo. O marido de Maja, Philippe, não gosta de a entregar ao cuidado de outro homem, muito menos de um que só conheceu dois dias antes, mas as peças do quebra-cabeças encaixam tão bem que é quase impossível recusar. Ele regressará a Paris por estrada, deixará o carro no apartamento, apanhará o *Eurostar* para Londres e estará em Winchester no dia seguinte.

Além do mais, Maja gosta de aviões pequenos. Viajar tornou-se demasiado fácil. Adormece-se em Istambul e acorda-se em Pequim. Gosta de sentir as milhas a passar – os deltas dos rios, os pivôs centrais de irrigação, as nuvens que se formam em remoinhos à volta dos picos. Guarda uma memória viva de sobrevoar Oslofjord quando era rapariga, ilha após ilha, casas de verão, embarcadouros, barcos, o reflexo do sol cobrindo a água, uma revelação que as palavras não traduzem sobre a relação entre escala e escape e a superfície da Terra. A isto acresce que o enjoo matinal que se prolongou anormalmente na sua gravidez desapareceu por fim; experimenta a fulgurância lendária e está desejosa de gozar a liberdade que a acompanha antes de dedicar a sua vida a um ser humano muito pequeno e muito exigente.

A ansiedade de Philippe justifica-se. Viktor tem licença de piloto privado, mas não de voo por instrumentos. Isso não teria importância se viajasse apenas com o filho de nove anos, Rudy. Partiriam cedo e, se as condições atmosféricas ou outras se alterassem, podia adiar o voo para o dia seguinte ou tomar uma das suas rotas alternativas se já estivessem no ar. Mas Maja acorda tarde e toma um longo pequeno-almoço e faz as malas com vagar e não sabe onde pôs um colar de coral que, insiste, pode ser enviado por correio expresso para o Reino Unido se e quando aparecer, mas que se transforma numa busca penosa e infrutífera numa casa que é enorme. A hora de almoço veio e foi quando ela está pronta para partir. Fosse Maja menos atraente e Viktor não sentiria nenhum remorso em importuná-la, mas, depois de ter ficado muito pouco impressionado com as atuações dela no ecrã, é com surpresa que se vê na companhia de uma mulher que o faz sentir-se outra vez com quinze anos – cabelo louro abundante, olhos muito azuis, beleza de banda desenhada, sedutoramente desorganizada, quase roliça. Tem uma cicatriz numa das faces, cortesia de uma gralha que lhe entrou pela janela do quarto quando tinha dez anos. O êxtase de Viktor é agradável, mas vagamente alarmante num homem que está habituado a ter uma sala de audiências, ou aliás qualquer tipo de sala, na palma da mão.

O colar será encontrado seis meses depois pelo jardineiro, Bruno, enferrujado e sujo numa mata de álamos situada no limite da propriedade aonde os Balfours raramente vão, muito menos os seus convidados. A única explicação que conseguirão encontrar é que algum animal, atraído pela vivacidade da cor, o tenha arrastado da beira da piscina, através do relvado, até ao meio das árvores e só então se tenha apercebido da inutilidade do esforço. Pensam em enviá-lo para Winchester, mas não encontram as palavras adequadas para a carta que o acompanha, e o colar é discretamente remetido para o fundo de uma gaveta, onde fica durante muitos anos.

Viktor telefona para o aeródromo a pedir informações sobre o tempo uma última vez antes de saírem de casa. O boletim não é tranquilizador, mas ele aceita o voo como uma inevitabilidade. Longe de o irritar, verifica com surpresa que a demora aumentou o

encanto de Maja. Não se permitirá parecer ansioso ou impreparado aos olhos dela, pelo que enverga as vestes metafóricas que conferem uma confiança na justeza radiosa das suas opiniões, e o céu limpo sugere que a meteorologia é tão sensível como qualquer júri à força da sua personalidade.

Avançam para a pista e Rudy trepa imediatamente para o avião. Maja fica a observar enquanto Viktor faz as verificações exteriores, com um prazer visível que reacende nele uma parte do entusiasmo que em tempos sentia antes de qualquer voo. Sobe para a cabina pela porta única, senta-se no lugar do piloto e ajuda-a a entrar. Inclina-se sobre o regaço dela para puxar a porta e fechá-la, mostra-lhe como funciona o cinto de segurança e dá-lhe uns auscultadores. Reabastecem os depósitos e estacionam a favor do vento. Ele trava, verifica que o combustível está a correr do depósito mais vazio, muda para o mais cheio e faz as verificações do motor. Ignição, carburador, compensador, portinhola e arnês. Rolam lentamente para a pista e esperam que um *Hawker 600* levante voo, se incline para a direita e se funda com o azul.

Ainda não levantaram do chão, mas Rudy já dorme no banco traseiro, embalado pelo ronco do motor e os solavancos. Sente-se pouco à vontade na companhia de quase todas as outras crianças, mas é profundamente autossuficiente, pelo que estas férias foram para ele um pequeno céu com acesso ilimitado a uma piscina, um frigorífico de duas portas bem recheado e uma caixa de trinta e dois lápis de cor *Caran d'Ache* com que pôde continuar a escrever e desenhar a sua epopeia em banda desenhada *Os Cavaleiros de Kandor*. A recordação mais agradável que guarda é de nadar debaixo de chuva, com a zona da piscina completamente por sua conta, a efervescência cristalina da superfície e o silêncio azul por baixo dela. Frequenta um colégio onde é assediado pelos outros rapazes de uma forma demasiado indefinida e nebulosa para se queixar dela, mas que o corrói por dentro, e só lhe restam mais três dias de férias, pelo que tirou o máximo partido possível do pouco tempo que passou em Bellevue, deitando-se tarde e levantando-se cedo. Por isso está exausto. Mas não voltará ao colégio. Dentro de duas horas estará morto.

– Torre de Prunay. Golf Alfa Sierra em posição e pronto para partir.

– Golf Alpha Sierra. Autorização para descolar, pista zero um. Vento zero dois zero graus. Cinco nós.

Ultimamente Viktor tem vindo a tornar-se negligente, mas como tem Maja sentada a seu lado cumpre todos os protocolos de emergência, recitando o mantra na sua cabeça à medida que aceleram pela pista. *Se tiver uma falha de motor em terra, fecho a válvula e imobilizo o avião. Se tiver uma falha de motor quando já estou no ar, mas tiver espaço suficiente, fecho a válvula e volto a pousar na pista. Se não puder pousar na pista, escolho a zona mais segura num raio de trinta graus à esquerda ou à direita da linha central e pouso aí.*

Trinta milhas por hora, quarenta, cinquenta... Descolam e Viktor flete para a rota em plena subida. Apontarão a noroeste em direção a Le Touquet e daí para norte, ao longo da costa até ao Cabo Gris-Nez, antes de atravessarem o Canal para o farol de Dover. Estabilizam a seis mil pés e Maja começa a contar que monta um cavalo chamado *Bombardier* nos South Downs – Clarendon Way, Ashley Down, Beacon Hill... Trata-se de conversa superficial, mas ela parece contentar-se com alguns oportunos ruídos de concordância e ele gosta do som da voz dela. Até que desiste de se sobrepôr ao ronco do motor e passa a concentrar a sua atenção na paisagem lá em baixo, deixando-o livre para se virar de vez em quando e imaginá-la nua.

Cinco mil pés abaixo, há um mosaico desordenado de campos, uns lavrados, outros verdes, manchas de floresta sobranceiras a Saint-Gobain e Noyon, a gorda serpente do Somme correndo a caminho de Amiens. O céu está agora mais nublado, o azul a desvanecer-se, o ar ligeiramente mais turbulento. Pelo rádio, ele contacta as informações de Lille e pede uma atualização. Algumas nuvens a mil pés, nuvens dispersas a mil e quinhentos, nublado a cinco mil. Não é o ideal, mas mesmo assim seguem em direção a Le Touquet, pelo que não há decisões significativas a tomar e Maja está outra vez a falar, desta vez sobre os defeitos do marido, em termos que são tristes e divertidos e surpreendentemente amáveis, de tal maneira que Viktor se sente integrado num círculo de confiança do qual foi

excluído durante toda a semana, uma sensação tão intensamente agradável quando conjugada com a proximidade física que o faz descurar a atenção ao lento agravamento das condições do tempo. Por cima de Abbeville a nuvem espessa-se inesperadamente. Viktor perde contacto visual com o chão e descobre que a sua visibilidade para a frente se reduziu de tal maneira que já não consegue distinguir o horizonte. Sabe exatamente o que deve fazer nessa altura – executar cuidadosamente uma viragem de cento e oitenta graus e sair o mais depressa possível daquela situação potencialmente desastrosa. Se Maja estivesse visivelmente preocupada era isso que devia fazer, mas, longe de compreender o perigo em que se encontram, ela parece encantada.

– Podemos imaginar que lá em baixo é a Turquia. Ou a Finlândia. Muito Antoine de Saint-Exupéry.

É o maior disparate que ele fez em toda a sua vida. A segurança deles – a segurança dela, a segurança de Rudy – é mais importante do que qualquer outra consideração, mas há no seu cérebro uma parte de homem das cavernas que é profundamente avessa a deixar-se ver como menos do que competente por quem quer que seja, principalmente por uma mulher, e muito principalmente por uma mulher que acha tão atraente. O simples ato de dar voltas a estes pensamentos na cabeça protelou a ação corretiva que devia ter tomado cinco, dez, quinze segundos antes e convenceu-o de que o facto de se manter na rota vai permitir-lhe aguentar-se e, com sorte, sair em breve pelo outro lado da nuvem.

Há um estudo americano que é citado por toda a gente nos cursos de piloto privado e diz que a esperança média de vida de um piloto que entra numa nuvem sem experiência de voo por instrumentos é de noventa segundos. Ele sempre tinha achado isso um exagero tático. *Não entres. Aqui há monstros.* Ou talvez uma medida do número de agricultores idiotas do Kansas rural que usavam os pulverizadores aéreos como quem usa uma moto-quatro. O que o choca é a rapidez com que tem de ler os instrumentos e reagir a eles, e a dificuldade em ignorar as mensagens que lhe chegam do ouvido interno.

Maja olha pela janela, impávida.

Passaram menos de três minutos desde que entraram na nuvem. Ele está profundamente cansado e começa a sentir tonturas, o cérebro tão desesperadamente ansioso por um ponto fixo qualquer que contradiga todos estes sinais enganadores de solavanco e torção e queda e guinada que começa a ter alucinações de formas negras pela frente. A aeronave afocinha e empina-se. Ele corrige-a excessivamente. Precisa de perder altura. Talvez consiga sair da nuvem por baixo. Um vislumbre do chão é tudo o que lhe é preciso. Alivia ligeiramente a válvula e empurra suavemente o *manche*. Dois mil pés, mil pés, oitocentos.

Se não estivesse tão concentrado em manter o avião equilibrado e direito, talvez se apercebesse do erro crasso que está a cometer. O altímetro está regulado para o nível do mar. Ele não está sobre o mar. Está sobre terra. Quatro minutos, cinco. A nuvem não está a dissipar-se. Existe uma possibilidade muito real de se despenharem. Não está preocupado com a sua própria morte, mas não suporta a ideia de matar o seu próprio filho, não suporta a ideia de matar uma mulher bela e o seu filho por nascer.

No seu sonho, Rudy está a brincar com o seu amigo imaginário, Babu. Estão em Bellevue. É de noite e foram ao frigorífico buscar triângulos de *La vache qui rit* e prepararam grandes copos de refresco de romã e acenderam as luzes da piscina e por isso a água é uma lâmina de luz líquida de cor turquesa que balouça na escuridão.

Maja olha para Viktor e vê as lágrimas correrem-lhe pela cara.

– Lamento muito, profundamente, o que está a acontecer – diz a Maja num tom de voz estranhamente formal.

Ela sente-se enjoada de medo durante cerca de dez segundos, após o que o nevoeiro à frente do avião se adensa por um brevíssimo instante antes de embaterem contra a parede lateral de um celeiro. Estão a voar a setenta milhas por hora. O silo está vazio, e por isso atravessam a chapa ondulada. O para-brisas de acrílico parte-se e salta do encaixe, e a aresta afiada corta cerce a cabeça de Viktor. Batem na parede oposta do celeiro, trespassam-na também e vão a lavar de nariz pela terra dura. As rodas dobram-se, o avião

afocinha e o bloco do motor é projetado para trás, indo esmagar as pernas de Maja.

Por sorte, um médico alemão, Raphael Bhatt, vai a passar lentamente de carro por uma pequena estrada rural entre Gapennes e Yvrench quando vê uma luz verde da asa de estibordo descer à direita do carro. O nevoeiro é tão cerrado que não faz ideia se o avião é um Cessna ou um Airbus. Trava, com medo de que o avião vá atravessar a estrada, mas a luz avança em grande velocidade, agora mais baixa do que a copa das árvores, e desaparece. Não conhece bem a zona, mas tem quase a certeza de que não há aeródromos por perto. Julga ouvir uma espécie de explosão, mas pode ser imaginação sua. Reduz muito a velocidade do carro e espera pelo clarão das chamas, mas à sua frente só há a estrada que se funde na brancura que tem pela frente. Fica sem saber se de facto viu aquilo, como se fica depois de acontecimentos extraordinários que não deixam nenhuma marca no mundo que nos rodeia.

Acelera. Ao fim de algumas centenas de metros vira à esquerda para um caminho de terra batida que dá acesso a uma casa rural dilapidada. Um trator enferrujado. Uma pilha de pneus velhos. Palpita-lhe que foi parar ao sítio errado, que o avião aterrou noutra sítio ou ganhou altitude e agora está a cinco milhas dali. Ainda assim sai do carro. A única coisa que ouve é o grunhido abafado pelo nevoeiro de muitos porcos, cujos excrementos soltam um cheiro quase insuportável. A porta da casa abre-se, um triângulo de luz rasga o terreiro lamacento e uma mulher corpulenta avança apressadamente na sua direção – puxo, avental às flores, chinelos – aos gritos de «*Venez! Venez!*» como se estivesse aliviada por vê-lo chegar finalmente. Leva-o a contornar a casa rural, cuja empena inteira é feita de plástico preto fixado por uma grelha de ripas de madeira. Acende-se um holofote contra intrusão quando os dois lhe passam por baixo. O marido dela está diante deles, imóvel, apontando um feixe de lanterna para a sua esquerda como uma enfadada arrumadora de cinema. Contornam um celeiro.

É, de longe, a coisa mais extraordinária que Raphael viu na vida. O nariz do avião está enterrado no chão, as asas partiram-se e tombaram para a frente e a cauda está dobrada como a de um escorpião.

Imediatamente atrás do avião está uma grande construção metálica que ele terá trespassado em voo, se bem que sob aquela luz gótica seja difícil identificar os pormenores. Corre para o avião. Através do vidro estilhaçado vê uma mulher pequena e loira com uma camisola creme de gola alta. Fora isso é impossível perceber-lhe as feições porque tem o rosto crivado de lacerações. Está muito grávida. Ele esquece-se do país em que está. Diz «*Keine Panik, ich bin Arzt.*» Agarra o manípulo da porta e roda-o. Finca o pé no corpo do avião e puxa. A porta cede à terceira tentativa com um ranger metálico ao roçar na asa empenada. Vê agora que as pernas da mulher estão entaladas entre o assento e o painel de instrumentos. Balbucia como se estivesse muito, muito embriagada e tenta transmitir alguma mensagem importante, mas não consegue formar as palavras. É necessário desencarcerá-la. É necessário dar-lhe analgésicos. Precisa de lhe examinar as pernas para avaliar a gravidade da possível hemorragia. Nada disto é possível. E só então se apercebe de que não é ela o piloto. O piloto está sentado ao lado dela no lugar mais afastado da porta. Falta-lhe a cabeça. O pormenor será omitido à imprensa, mas nas conversas do dia na Festa do Mastro da localidade sabe-se que no dia seguinte ao acidente o velho Moreau encontrou a cabeça no meio de um lameiro das proximidades.

O metal rasgado do avião range e abana. Raphael dá um salto para trás e espera que a estrutura encontre um novo equilíbrio. Um estilhaço de vidro abriu-lhe um sulco profundo na carne de um braço, mas nem sequer se apercebe. Há muitas coisas de que não se apercebe. Só depois, nas recordações que irão atormentá-lo durante quase dois anos, irá preocupar-se com a possibilidade de o avião se incendiar. Pega na lanterna do agricultor e volta para junto da mulher e só quando aponta o feixe da lanterna para o interior escuro da cabine vê um rapaz deitado no chão atrás dela. Parte a pequena janela triangular traseira com o punho da lanterna para poder meter o braço. Aperta o ombro do rapaz, mas não obtém resposta. Põe dois dedos no pescoço do rapaz. Nada. Roda a cabeça do rapaz e puxa-lhe as pálpebras superiores para trás, primeiro a esquerda e depois a direita. Não há dilatação. Traumatismo craniano grave, provavelmente. Atrás de si, a mulher do agricultor está

a rezar baixinho para consigo: «*Pardonne-nous nos offenses, comme nous aussi nous pardonnons à ceux qui nous ont offensés.*»

A mulher ferida está a segurar a barriga inchada. Será possível que esteja em trabalho de parto?

– Tenha calma – diz ele. – O socorro não tarda a chegar.

A cabeça da mulher rola para um lado e para o outro. Ele não consegue perceber que língua fala, mas com a ajuda da lanterna vê a fratura exposta de um fémur partido. Tira a gravata e faz um garrote improvisado. Ela parece não ter consciência do que ele está a fazer. Os seus gemidos embriagados e sem palavras são cada vez mais débeis. O rolar da cabeça é um metrónomo a ficar sem corda.

– Seja forte. Vamos vencer isto juntos, nós os dois.

Aperta o garrote o mais possível e prende-o com um duplo nó direito. Não pode fazer mais nada senão esperar. Apalpa-lhe a barriga. O bebé está a mexer. Os minutos seguintes são a parte mais angustiante daquela que será a noite mais angustiante da sua vida, à espera de que cheguem os serviços de emergência, a dar um apoio que lhe parece cada vez mais desprovido de sentido, a fazer votos desesperados de que a mulher e a criança sobrevivam.

– Você é capaz. O socorro vem a caminho.

Ao fim de um período de tempo que tanto podia ser de dez minutos ou uma hora, a cabeça da mulher tomba para a frente e imobiliza-se. Morreu, disso tem ele a certeza. Agora sabe o que tem a fazer. Se não pode fazer mais nada, talvez consiga salvar a vida do bebé.

Desaperta o cinto de segurança da mulher e passa por cima dela até lhe ficar sentado às cavalitas na barriga. Há sangue por todo o lado. A mão do piloto está imóvel no ar, um dedo a apontar para cima, como se tivesse sido interrompido a meio de um discurso.

Raphael agarra no nariz da mulher e inclina-lhe a cabeça para trás. Pousa-lhe os lábios na boca e sopra com força para lhe encher os pulmões. O peito dela sobe. Ele para e repete. Se conseguir fazer-lhe chegar oxigénio suficiente aos pulmões e manter-lhe o coração a bombear, talvez consiga fazer chegar oxigénio suficiente ao bebé. Inclina-se para trás, põe-lhe as palmas das duas mãos dobradas sobre o esterno e empurra com força. Um... dois... três... quatro... cinco... Volta para a boca. Segura, inclina, sopra. Há no meio

disto tudo uma estranha quietude. O metal retorcido, o nevoeiro, o ruído dos porcos, o ritmo das suas mãos. De vez em quando, o avião range. Ou talvez seja o metal partido da construção que lhes pende sobre a cabeça. Imagina-se num navio de ferro no meio de um oceano escuro. Ele e a criança por nascer até podiam ser os únicos seres vivos no mundo.

Em férias não usa relógio e por isso conta, porque a equipa de socorro vai precisar de saber. Cinquenta ciclos de RCP. Vinte e cinco minutos, mais ou menos. Ouve sirenes e motores acelerados e vozes de homem e de repente está no meio de um filme de ficção científica, a toda a volta trovões e relâmpagos, capacetes e macacões. Há um veículo grande de um tipo que nunca viu, que talvez fosse um camião-cisterna de algum aeródromo militar. Umhas mãos enluvasdas agarram-no pelos ombros e tiram-no da cabine. Ele afasta-se e depois vira-se para registar tudo – as figuras em silhueta, o crucifixo distorcido do avião, «CA-956» a amarelo sobre verde *racing*, luzes azuis pulsantes, o sibilar pirotécnico dos bicos de oxiacetileno. É como uma enorme tela renascentista representando algum mito novo. Então pensa, pela primeira vez, que se trata provavelmente de uma família. A mãe morreu, o pai morreu, o filho morreu. E se a criança sobreviver...? Acontece uma coisa que nunca aconteceu em dezassete anos de exercício da medicina. Um jorro de granizo violeta atravessa-lhe o campo de visão e ele vê a lama do terreiro erguer-se graciosamente do chão e vir-lhe de encontro à cara desprotegida. Regressa ao seu corpo e dá consigo sentado num barril de plástico com uma pequena caneca esbeçada de *brandy* na mão e a mulher do agricultor a oferecer-lhe um pacote aberto de Pépitos de chocolate *LU*. Algures chora um bebé.